

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2010 - ANO XIII - Nº 165

Reprodução

EDITORIAL

Dados recentes do IBGE apontam que o Brasil está envelhecendo. O crescente aumento da população de idosos nas últimas décadas tem-se tornado uma das questões mais relevantes em estudos contemporâneos nas diversas áreas do conhecimento.

O envelhecimento, antes considerado um fenômeno, hoje faz parte da realidade da maioria das sociedades: O mundo está envelhecendo e nosso país também. Estima-se que existam, atualmente, no Brasil, cerca de 17,6 milhões de idosos. Os brasileiros ativos com mais de 60 anos representam 10% de nossa população. Estudos recentes mostram que serão 30% até 2050. Além de motivo de orgulho, é também uma preocupação, pois essa evolução requer a criação de condições para que essas pessoas envelheçam de forma saudável.

No âmbito sócio-político, observa-se o aumento dos serviços prestados aos idosos e a garantia de direitos adquiridos. As cidades estão crescendo em consequência do acelerado processo de urbanização e industrialização, e a população idosa vem encontrando dificuldades em adaptar-se. Grande parte não tem acesso aos espaços de lazer, desconhecendo a importância e os benefícios por eles oferecidos. Ações concretas são imprescindíveis para que a população idosa sinta os benefícios do lazer. Portanto, criar possibilidades de acesso ao lazer é fundamental. Assim, é importante reconhecer o trabalho executado pelo Clube de Convivência de Piquete - Cidade Paisagem, que, recentemente, reinaugurou, em 1º de outubro, Dia Internacional do Idoso, a sede ocupada pela entidade, no antigo prédio do Grêmio General Carneiro. Construção da década de 1940, patrimônio de valor histórico do município, o prédio faz parte do conjunto arquitetônico construído pela FPV na Praça Duque de Caxias. Havia muito o prédio necessitava de reformas e a entidade, organizada, por meio de apoios e parcerias devolveu à cidade esse espaço de convivência, lazer e entretenimento.

É cada vez maior o reconhecimento da importância do idoso para a população. Experiência de vida e qualificação para oferecer à sociedade eles têm de sobra. É preciso valorizá-los.



Dilma ou Serra. Vença quem vencer, quem sairá fortalecida é a sociedade. Que o novo Presidente tenha capacidade de liderança e de execução. Isso garantirá que as políticas mais importantes saiam do papel, do campo das idéias, e sejam colocadas em prática.

Dilma ou Serra

Os 135 milhões de eleitores de 5.565 municípios do país escolherão, por meio do voto, no próximo dia 31 de outubro, quem, nos próximos quatro anos, estará à frente da Presidência da República. Deixando de lado interesses pessoais e ideológicos, o segundo turno das eleições presidenciais foi a melhor coisa que poderia acontecer para o Brasil, pois seria a oportunidade para confrontar as idéias dos dois candidatos mais votados no primeiro turno – Dilma Rousseff e José Serra. Este seria o momento para o eleitor escolher quem realmente está mais preparado, possui compromissos claros, tem melhores propostas e consegue mostrar como irá implementá-las. Deveríamos poder identificar princípios, compromissos assumidos, políticas públicas e como seria o processo de gestão para que viessem a ser executadas.

Não basta dizer que vai fazer isso ou aquilo. Seria preciso que os candidatos deixassem claro quando e como pretendem fazer as reformas tão necessárias ao país – política, fiscal, tributária, previdenciária, trabalhista, agrária etc. Quais delas cada candidato julga prioritárias? Que estratégia política pretende utilizar para tê-las aprovadas no Congresso Nacional? Sem isso não conseguiremos evoluir à velocidade em que o país e sua população necessitam. No entanto, quem esperou que esses temas fossem debatidos acabou se frustrando. A propaganda política dos candidatos ao

Palácio do Planalto, Dilma e Serra, deixou a desejar. Faltou clareza para as poucas propostas. Perdeu-se tempo com assuntos de menor importância.

Apesar da falta de respeito dos políticos para com os eleitores, estes souberam, no primeiro turno, vetar a lógica plebicitária e maniqueísta, levando a eleição para o segundo turno. A partir desse ponto-de-vista, a sociedade amadureceu: votou com seriedade e espírito cívico.

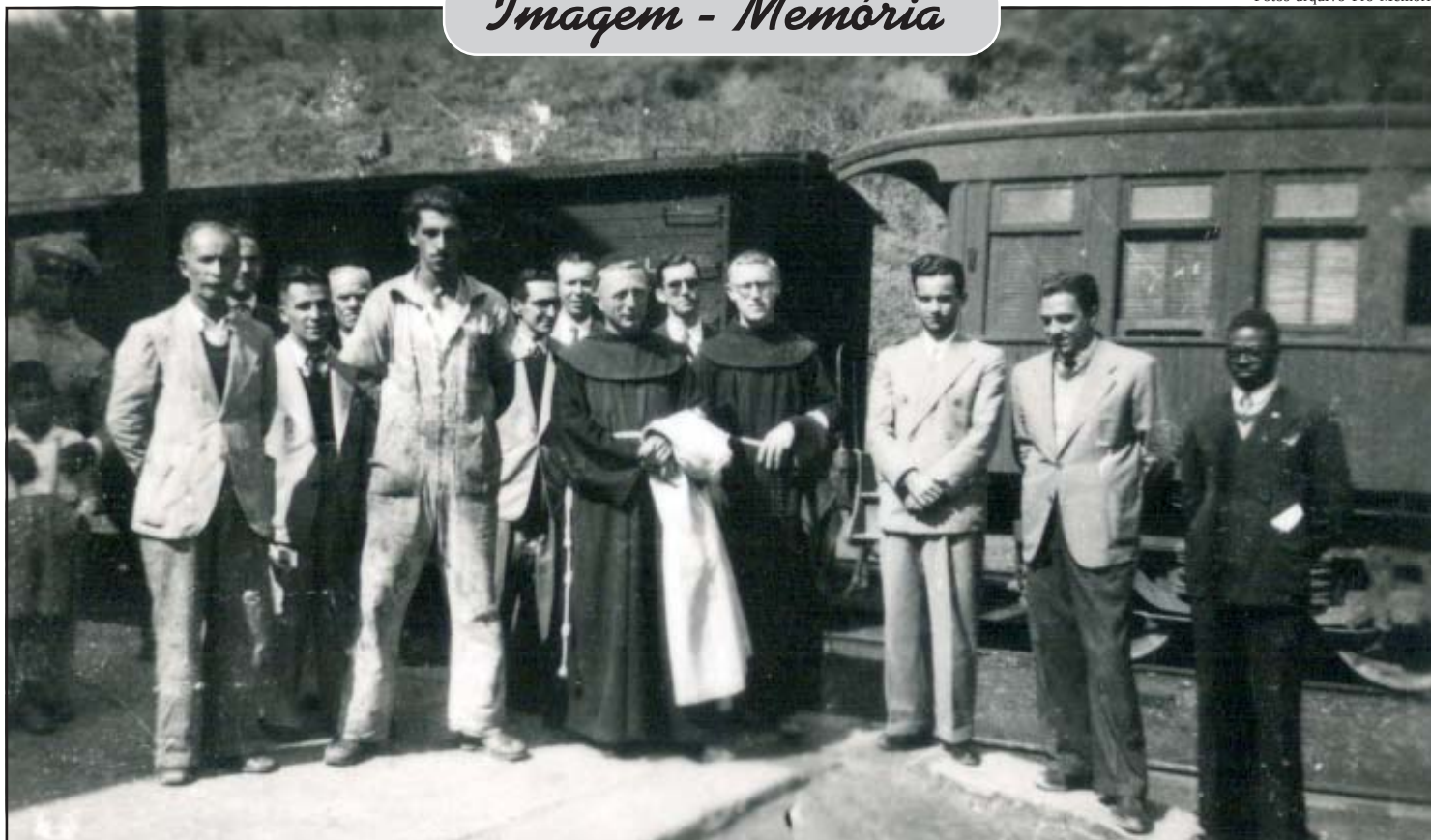
A poucos dias do segundo turno, é preciso que o eleitor não se esqueça de que é o protagonista em qualquer eleição. O voto iguala a todos; daí sua importância e significado para a história do país.

As propagandas fazem parte do processo eleitoral. As discussões temperam o clima e despertam consciência. Tudo é válido e importante. O essencial, porém, é respeitar a convicção do eleitor. Naquele momento, sozinho diante da urna eletrônica, o eleitor é o senhor da situação e pode teclar o número que quiser e decidir quem ele quer eleger. Por isso, as eleições são tão comentadas, discutidas e mexem com tanta gente. A vontade do eleitor é soberana.

Dilma ou Serra. Vença quem vencer, quem sairá fortalecida é a sociedade. Que o novo Presidente tenha capacidade de liderança e de execução. Isso sim irá garantir que as políticas mais importantes saiam do papel, do campo das idéias, e sejam colocadas em prática.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



Na Estação Ferroviária Rodrigues Alves, representantes da comunidade católica recebem os frades capuchinhos em sua chegada a Piquete para pregar as Santas Missões, em 25 de abril de 1942. Na foto, (E/D), Zequinha Meirelles, ?, José Vieira, ?, Venino Vieira, Jeferson, Frei Niceto, João Vieira, Frei Lino, Luiz Vieira, Paulo Lodi e Joaquim Augusto.

As Santas Missões

Quando, em 1891, ocorreu a emancipação político-administrativo de Piquete, não havia um padre residente no novo município para administrar a Paróquia de São Miguel. Para a celebração da missa solene de posse da 1ª Intendência da Vila Vieira do Piquete, em 15 de junho, foi preciso buscar no Embaú o padre Castro.

Logo após a criação, em 1888, da Paróquia de São Miguel, foi nomeado seu primeiro padre o italiano Francisco Fillipo. Esse religioso ficou, porém, por pouco tempo em Piquete. Assim, a Matriz ficava anexada ora à Estola de Lorena, ora à do Embaú. Vez ou outra, um religioso vinha a Piquete celebrar missa. Por mais de quatro décadas esta foi a situação da igreja de São Miguel. Somente a partir de fevereiro de 1934, quando o padre João Guimarães foi nomeado pelo Bispo Diocesano de Taubaté, Dom Epaminondas Nunes D'Avila, para administrar a Paróquia, é que a população passou a contar diariamente com um padre.

Mesmo ao longo do período em que ficou sem vigário, a comunidade católica piquetense manteve-se fiel à Igreja. Contribuíram para isso as ações evangelizadoras das Santas Missões, ocasião em que vinham a Piquete padres que traziam o desejo, o ardor e a alegria de comunicar o Evangelho de Cristo. A presença desses religiosos atraía a população, ansiosa por escutá-los. Visitavam a zona rural, onde abençoavam os frutos da terra, aproximavam-se das

famílias criando uma relação afetiva com os moradores. Muitos deles, caridosos, despojados e dotados de excelente oratória, marcaram com seus exemplos a vida de muitas pessoas.

As visitas missionárias constituíam um momento privilegiado de contato do padre com a comunidade, reavivando a comunhão e aproximando a população da Igreja. Havia preocupação não apenas com os que frequentavam a Igreja, mas também com os católicos que não a frequentavam; e ainda com outros, pois era viva a idéia de que a Igreja tem como missão levar o Evangelho a todos. Por isso, esses padres ficavam dias em Piquete, fortalecendo o espírito cristão. Reforçavam, ainda, aos pais a necessidade do batismo, a importância de educar seus filhos sob os preceitos da fé e a necessidade de manter a regularidade da presença na igreja.

Reverendo o livro do Tombo da Matriz de São Miguel, evidencia-se que a primeira das Santas Missões em Piquete ocorreu em 1915. De Aparecida vieram os padres redentoristas Antônio Lisboa e José Afonso, que permaneceram quinze dias celebrando na matriz de São Miguel e nos bairros rurais. Os registros mostram que foram incansáveis no atendimento a todos e que a visita rendeu excelentes frutos. Foram realizados casamentos de pessoas amasiadas ou casadas apenas no civil, confissões, batizados etc.

Em 25 de abril de 1942 chegaram à Paróquia, em missão, os capuchinhos Frei Niceto e Frei Lino, franciscanos menores. Representantes da comunidade e de associações religiosas foram recebê-los na Estação Ferroviária Rodrigues Alves. Grande orador, Frei Niceto sensibilizava a todos com suas prédicas. Os dias que aqui permaneceram foram de muito trabalho missionário. Frei Niceto pregava todos os dias na Matriz de São Miguel, enquanto Frei Lino evangelizava na Igreja de São José. Visitaram as capelas rurais e muitas famílias. A missão foi encerrada no dia 1º de maio, com a tradicional Páscoa dos Operários. Os números são surpreendentes: 1500 confissões, 28 casamentos legitimados e inúmeras pregações. O prefeito José Monteiro de Brito Júnior doou um Cruzeiro, benzido solenemente na Praça 15 de Junho, em frente à Prefeitura, evento que contou com a presença de autoridades locais e de grande número de fiéis de Piquete e da Vila São José. Da porta do Paço Municipal, Frei Niceto falou "com entusiasmo e vibração". Depois, em vultosa procissão, o Cruzeiro foi carregado pelas ruas da cidade, cortejo abrilhantado pela banda da FPV, que terminou em frente à Matriz, onde, entre cantos e vivas e novamente as palavras envolventes do Frei Niceto, foi implantado como lembrança desses dias de evangelização.

GENTE DA CIDADE

Terezinha Maduro

A maioria dos professores que conheci nasceu para ensinar. Cumpriam seu dever como mestres, cientes da importância de seu ofício e felizes por vislumbrar o futuro de seus alunos.

Piquete foi privilegiado na área de Educação. Por meio da Fábrica Presidente Vargas, dispôs de docentes de qualidade indiscutível e pioneiros métodos de ensino. Uma das professoras beneficiadas por esse privilégio foi Terezinha Maduro.

Filha mais velha do casal Joaquim Pereira Maduro e Zulmira dos Santos Maduro, Maria Terezinha Maduro dos Santos é a mais velha entre dez irmãos. Nasceu em Itajubá em 16 de fevereiro de 1934.

Em 1944, quando contava dez anos e já havendo cursado dois anos do primário, o pai veio para Piquete trabalhar na Fábrica e trouxe a família, ainda com seis filhos. Na cidade paulista, vieram residir em uma casa à rua São Benedito, onde nasceram os outros quatro filhos do casal e onde sua mãe permaneceu por toda a vida.

Terezinha foi matriculada, então, no Grupo Escolar Antônio João, de onde cita as professoras D. Palmira Ferrari e D. Alice Luz e o diretor Benedito Edson de França Guimarães. Após concluir o primário, prestou o "Exame Admissional". Aprovada, ingressou no Ginásio da FPV. Em seguida, cursou a Escola Normal Livre Duque de Caxias. Em ambos, "fomos a primeira turma... Essas escolas foram 'feitas para mim'", brinca, orgulhosa. Dessa época, cita os amigos Chico Máximo e Olga Ecklund: "Eram os mais chegados..." reforça.

Em 1952, aos 18 anos, formada professora, Terezinha foi lecionar no curso noturno da Escola Darwin Felix, na alfabetização de adultos. Em seguida, assumiu sala no curso pré-primário na Escola da FPV, sob a direção do professor Leopoldo Marcondes de Moura Netto. Em 1954, após ser aprovada em concurso do Estado, tornou-se efetiva na Escola Mista da Paineira de Cima, na zona rural de Cunha, "a uns 15km do centro de Cunha... Vinha para cá uma vez por mês ou em ocasiões especiais... Era muito difícil: ônibus até Guaratinguetá, depois Cunha... Lá, era somente com carona, caminhão de moradores...". Não demorou muito em Cunha: cerca de um ano e meio e já retornava a Piquete, de volta ao Darwin Félix, onde ficou por cerca de nove anos. Foi, então, para São Paulo, tendo ficado na



capital do Estado por três anos. Retornou, comissionada, para o Departamento Educacional da FPV, lecionando na "Escola do professor Leopoldo"... Removi-da, passou os últimos anos da carreira no Guimarães Rosa, onde se aposentou em 1982.

Dona Terezinha diz que "Sempre gostou de ser professora... Na minha época, tínhamos o apoio dos pais das crianças. Com isso, tínhamos autoridade sobre os alunos e também o respeito deles". Afirma que o gosto pelo magistério foi-lhe passado pelos excelentes professores que teve.

Em 11 de janeiro de 1957, Terezinha tornou-se esposa de Jorge Pereira dos Santos. Têm dois filhos, seis netos e uma bisneta.

Desde que se aposentou, Terezinha passou a se dedicar aos netos, inclusive com a educação. Em casa, era a responsável pela cobrança das tarefas, por tomar-lhes a tabuada, complementar-lhes as lições recebidas na escola. Faz questão de citar, também, o zelo pelos pais, dos quais cuidou até que "partissem". Sua herança e dos irmãos foi a educação, exigência do pai: as seis irmãs são professoras; dos homens, um também é do Magistério e outros militares.

A carreira e a vida de Terezinha Maduro são exemplos do modelo de professores cuja vocação e amor pela profissão vêm se tornando raros em nossos dias. Ao lecionar com amor, aplicava os métodos disponíveis, mas também os recursos que vislumbrava para transmitir às crianças os ensinamentos necessários. A dedicação e a responsabilidade aumentavam frente às dificuldades de transporte, de falta de recursos e da separação dos familiares por que muitos passaram. No entanto, o resultado é o orgulho demonstrado no brilho do olhar quando conta ser "uma de suas maiores alegrias" ter ensinado duas gerações: pai e filho foram por ela alfabetizados. E, ainda hoje, quando recebe convites de formatura, casamento de ex-alunos: "É sinal de que fui importante para eles. E isso me traz alegria!", conclui emocionada.

Notas da Cidade

✓ Jongo de Piquete em Vassouras/RJ

No dia 23 de outubro, o Jongo de Piquete participou da Noite de Jongo, em Vassouras/RJ. O evento foi promovido pela Universidade Federal Fluminense, que mantém o Pontão de Cultura "Jongo – Caxambu". As rodas de Jongo contaram com grupos de Valença, Vassouras, Angra dos Reis, Arrozal, Piraí, Barra do Piraí, Miracema, Pinheiral, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, Serrinha e Rio de Janeiro. Piquete, Guaratinguetá, Campinas, São José dos Campos foram os representantes do estado de São Paulo. Do Espírito Santo, esteve presente o grupo de São Mateus. A festa aconteceu na Praça Barão do Campo Belo e varou a madrugada.

✓ Festa no Bairro dos Marins

Aconteceu entre os dias 21 e 24 de outubro, no Bairro dos Marins, a tradicional Festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira daquele bairro piquetense. A programação constou de missas com apresentações de corais, forró pé-de-serra, leilão, barracas com salgados e doces, corrida rústica de 12 km, caminhada ecológica, palestra sobre ecoturismo e apresentação de filmes.

No dia da festa, houve grande queima de fogos em louvor a Nossa Senhora Aparecida e carreta com carros-de-boi, que conduziram a imagem de Nossa Senhora Aparecida até a Capela.

A FCR parabeniza os organizadores.

✓ Festa de São Benedito

A Paróquia de Santo Antônio de Pádua e a Irmandade de São Benedito promoveram, entre os dias 20 e 23 de outubro, a festa em homenagem a este tradicional santo católico. Todas as noites foi realizada a reza do terço, seguida de missa. No dia 23, sábado, às 18h30min, aconteceu a solene procissão pelas ruas próximas à capela, na Vila Barão. Houve, ainda, apresentação do Grupo de Moçambique, de Lorena. Todas as noites, uma quermesse animou os fiéis.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.



Alunos da Escola Normal Livre Duque de Caxias - 1952

O Pórtico da FPV

O Pórtico emblemático da “Fábrica Presidente Vargas” é uma concepção destacável do gênio artístico de Antônio César Dória.

Na forma generalizada do monumento, os baixos-relevos remetem-se aos referentes históricos que deram origem e fundamento à Fábrica e ao seu papel na indústria voltada para as questões da defesa.

No alto, no capitel central, o ícone das armas nacionais e da bandeira permanentemente hasteada anunciam a entrada para a zona militar, segundo a demarcação tradicional contida no município piquetense. Da base ao topo do capitel são vinte metros.

Dois medalhões laterais às Armas correspondem às efígies de Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da República entre 1902-1906, e seu Ministro da Guerra, Marechal Francisco de Paula Argollo. Trata-se de importantes significantes da concepção da Fábrica que, terminada sua construção em 1907, teve sua inauguração a 15 de março de 1909, cujo primeiro centenário comemoramos no ano passado. Para completar esse conjunto homenageante, lateralmente são vistos D. Pedro no ato da Independência e Deodoro da Fonseca no ato da proclamação da República, além de Caxias no emblemático gesto de Pacificador. Em imagens entrevistas a esse conjunto sobressai de forma alegórica a ação das Forças Armadas, inclusive da Aviação que, em 1906, iniciava sua trajetória com o evento do voo inaugural em Paris do 14-Bis de Alberto Santos Dumont. O progresso anunciado pelos positivistas concretizava-se em 1906 pelo governo de Rodrigues Alves e o andamento da construção da Fábrica de Pólvora Sem Fumaça, “A nossa Fábrica”.

Por isso, nas Armas Nacionais, na faixa onde se inscreve República dos Estados

Unidos do Brasil, denominação oficial da época, aparece simbolicamente a data de 15 de março de 1909 – a data da inauguração da Fábrica.



Estes ícones estão na face frontal do monumento para os que, circulando no território municipal, adentram a citada Zona Militar, segundo os desígnios estratégicos que marcaram o período pré-Imbel. Hoje, o foro das ações urbanas aí está condicionado ao território municipal plenamente administrado pela Prefeitura.

Para vislumbrar os citados ícones é interessante salientar os painéis alegóricos descritos pelo Capitão Jacy Eleotério da Costa, na obra **Piquete, o pequeno mundo de um artista – 1978**, referente ao escultor Antônio César Dória.

Diz o autor Jacy Eleotério da Costa que a alegoria à Pátria Brasileira (painel 1) exhibe a representação de uma “cândida mulher vestida de peplo (capa comprida das matronas romanas, de rico tecido, com figuras de deuses e heróis, tendo à cabeça o barrete frígio)”. Este barrete é simbólico das idéias republicanas que já vicejavam na Roma antiga. Nas mãos da figura feminina, a bandeira brasileira, e no entorno dela, soldados e marinheiros com as espadas desembainhadas a sugerir luta pela defesa. Corneteiros acionando seus instrumentos e o povo formado de homens, mulheres e crianças completam o quadro.

A descrição do autor para o painel de número 2 refere-se à representação dos

patronos do Exército, o Duque de Caxias, e da Armada, o Almirante Tamandaré. Para completar, Santos Dumont como Pai da Aviação. Simbolicamente conjuga-se o conjunto alegórico por “um dragão da Independência em sua montada” e três oficiais das diferentes forças com as espadas abatidas em continência militar.

Na face oposta do arco, dois medalhões encimando o frontão do pórtico voltado para a FPV, são representadas as medalhas recebidas pelo Estabelecimento em exposições internacionais (Torino e Rio de Janeiro).

Por sua vez, a simbolização em busto do químico francês, Paulo Vieille, inventor da pólvora sem fumaça, tem sobre a cabeça uma águia, e ao seu lado, uma retorta e um grau representando a ciência. Imagens da tecnologia mais recente associam-se a uma torre que lança centelhas, (raios elétricos e força motriz) como referência à engenharia e às comunicações. Então, visualizamos um canhão moderno, um

tanque de guerra e um cogumelo atômico.

Lateralmente às representações citadas, a alegoria à indústria bélica (lado esquerdo) e um Titã abrindo montanha, referência à dinamite (lado direito). Completando o quadro, os destaques para o ensino e a educação, (o lado social), trabalho – o malho, a bigorna e a oficina, o progresso, e a ciência. Uma bandeira da Fábrica em representação icônica soleniza essas referências e as torna tópicas na vida da cidade. O Pórtico foi inaugurado a 15 de novembro de 1955, data próxima da comemoração do primeiro cinquentenário da FPV (1959). O diretor geral era o Cel. Edgard de Abreu e Lima (15-11-1953 – 15-3-1956). O Pórtico é um dos nossos principais monumentos.

Dóli de Castro Ferreira



Câncer de mama: a prevenção é o melhor remédio

Outubro é o mês de mobilização internacional pela detecção precoce do Câncer de Mama. Para divulgar este movimento foi adotada uma cor que distingue o mês: o rosa. O Instituto Nacional de Câncer (Inca), órgão auxiliar do Ministério da Saúde no desenvolvimento e coordenação das ações integradas para a prevenção e controle desta doença, participa da mobilização com diversas ações no Brasil.

O câncer de mama atinge por volta de cinquenta mil mulheres, todo ano, de acordo com o Inca. Mas esse quadro pode ser mudado. Algumas medidas simples no seu dia-a-dia podem ajudar a prevenir essa doença que tanto preocupa o universo feminino.

Recentemente, uma lei federal passou a garantir a toda mulher acima de 40 anos a realização da mamografia no Sistema Único de Saúde (SUS). É preciso que as mulheres se conscientizem da importância desse exame e exijam o seu direito. Esse exame é a melhor forma para detecção precoce deste tipo de câncer.

O autoexame deve ser feito sempre, de maneira que a mulher conheça o seu próprio corpo e procure um médico se notar algo estranho – caroços, alterações no formato ou feridas ao redor dos mamilos. É importante lembrar que o exame de toque ou autoexame não substitui a mamografia. Pelo contrário, é somente na mamografia que o câncer pode ser descoberto no início, aumentando as chances de cura. Hoje, a grande maioria dos casos de câncer tem cura. Mas, para o sucesso é muito importante o diagnóstico precoce da doença.

Muitas mulheres atrasam o tratamento alegando dificuldade no atendimento médico. O artigo 5º da Constituição determina a universalidade dos atendimentos, isto é, todo cidadão tem direito ao atendimento gratuito. Por isso, o Ministério da Saúde garante o atendimento integral a qualquer portador de doença grave, por meio do SUS. É importante saber, ainda, que as medidas que dão suporte à cirurgia de retirada do tumor, no caso de câncer de mama, como quimioterapia, radioterapia e medicamentos antitumorais também são asseguradas pela Lei no setor público. Medicamentos de alto custo são padronizados pelo Ministério da Saúde para o tratamento de determinadas doenças, inclusive o câncer de mama.

Depois de fazer todos os procedimentos, exames, consultas e de esclarecida a doença na unidade de saúde de referência, o usuário será cadastrado no programa de medicamentos excepcionais na Gerência de Insumos do SUS e entrará na agenda de recebimentos.

Émile Zola, chilenos e brasileiros...

França 1885... Émile Zola lança *Germinal*, romance que conta a exploração dos trabalhadores de minas de carvão na região de Montsou. Baixos salários, exaustivas jornadas e péssimas condições de trabalho são alguns dos pontos apresentados na obra. Com os ânimos se acirrando, os mineiros tomam consciência de que a forma de vida que levavam não era algo natural, que enquanto penavam por pão e água ao fim do dia, os “burgueses” comiam carnes e biscoitos. Em certo momento, uma súbita redução dos salários, já baixíssimos, detona uma sangrenta greve.

Para escrever *Germinal*, Zola passou dois meses trabalhando como mineiro na extração de carvão. Viveu com os eles, comeu e bebeu nas mesmas tavernas. Sentiu na carne o trabalho sacrificado e insano, o calor e a umidade dentro da mina, a promiscuidade das moradias e a fome. Além do mais, acompanhou de perto uma greve.

Viajemos no tempo...

França 2010: greve geral paralisa o país: meios de transportes parados, violência nas periferias, passeatas.

Brasil 2010: greve de bancários prejudica a população; pagamentos atrasados, multas involuntárias.

Chile 2010: mais de um bilhão de pessoas assistem ao difícil resgate dos 33 mineiros presos numa mina de ouro no Chile. Comoção e emoção foram a tônica. Políticos presentes. Após 68 dias presos, os mineiros foram libertados, um a um, por meio da já mítica capsula “Fênix” – nome mais providencial seria difícil...

Não por coincidência, os franceses demonstram que não se curvarão facilmente às reformas propostas pelo atual presidente. Não por coincidência, brasileiros e chilenos mantêm-se passivos ante às mazelas do país. Por quê?

Vislumbrei uma conexão entre os momentos relatados acima e fiquei imaginando: por que épocas separadas por mais de um século apresentam tantos pontos em comum e, ao mesmo tempo, situações contemporâneas são encaradas de forma tão

distinta? No Chile, os mineiros tornaram-se heróis nacionais, vão lançar livro, dão entrevistas diariamente. Foram raros, porém, os momentos em que ouvi questionamentos sobre as condições de segurança da mina que desabara. Num trabalho de marketing do governo, os trinta e três deixaram a mina com melhor aparência do que haviam entrado... Espetacular a forma como atraso e modernidade ficaram lado a lado. O primeiro fica claro nas inquestionáveis condições insalubres e inseguras de trabalho dos mineiros; a segunda demonstrou-se na tecnologia que permitiu encontrar o ponto em que os homens se encontravam presos, mantê-los vivos e efetivar o resgate de forma cinematográfica quase dois meses antes do previsto... No Brasil, a greve dos bancários é o único momento de protesto frente a tantos desmandos econômicos, sociais e políticos; é aplacada, porém, pela parcialidade da adesão e pelos resultados pífios conseguidos junto aos banqueiros.

Vivemos numa sociedade repleta de informações. Contraditoriamente, a massa operária já não constitui uma classe como antes e condições sub-humanas de trabalho continuam a existir. A insegurança, o consumismo, a individualidade vêm nos alienando. No Brasil, os perigos que rondam nossos mineiros e tantas outras funções são deixados de lado para se discutir a opinião sobre o aborto ou o arremesso de um rolo de fita crepe...

Os mineiros chilenos de 2010 me fizeram lembrar Van Gogh (outra estória...) e Zola: a passividade de brasileiros e chilenos contemporâneos me entristece; já a bravura demonstrada pelos mineiros oitocentistas me fez constatar que precisamos de líderes e de vergonha na cara.

No último dia deste outubro, elegeremos o novo presidente da república. Seja quem for o eleito, não dependerá deles o futuro do Brasil. Dependerá dos Etienne e Rasseneurs que existem dentro de nós. Descubram-nos e seremos muito mais realizados e felizes!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Crônicas Pitorescas

Vida triangular

Palmyro Masiero

Em momentos de grande reflexão, essa minha cabeça de peneira furada consegue, às vezes, chegar a caminhos que me abalam. Fixava, firme, uma tripeça. Aqueles três pontos de apoio trouxeram-me logo à mente a Santíssima Trindade. O grande mistério!

Saí do lado místico e comecei a processar uma ligação cotidiana baseada em três pontos. A primeira que me veio foi saber do que se necessita para ser assaltado: o bandido, a arma e o interesse. Pelo menos estas três coisas básicas: o bandido e a arma não oferecem dúvidas; mas qual a razão do interesse? Fica claro... Se você é um pé-rapado, nem ladrão pé-de-chinelo vai se interessar. Entretanto, se você é assaltável, pode ficar duro... Nos dois sentidos...

Nós, fumantes, vamos encontrar o maço, os cigarros e o fogo. Compra-se uma carteira por dinheiro; abre-se, retira-se do seu interior um cigarro e o acende-se. O quarto fato é a culminância da burrice: paga-se para queimar dinheiro e aspirar um fumacê cheio de droga e de malefícios.

Uma outra visão se me apresenta: o ônibus, o motorista e o ponto. O motorista toca o ônibus por determinada linha onde estão localizados os pontos. Se você não estiver no ponto, dança. Dependendo do motorista, se ele desconfiar que só tem aposentado, só carteirinha gratuita, os coitados podem correr de ponto em ponto,

que ele não para mesmo...

Hora da boia: o feijão, a panela, o fogo. Evidente que se há de pôr o feijão na panela, com pressão, de preferência, e fogo, para cozinhar. Esperar amolecer, temperar e comer. O problema é o tutu para comprar o feijão, que, por vingança, a gente joga farinha no bicho pra virar tutu no duro...

A vaca, a cria, o leite... Para produzir a vaca tem que parir. E o leite, que deveria ser só do bezerrinho, tem a sua maior parte retirada pelo criador, que adiciona água pro leite não ficar muito com cor de leite. Para chegar ao mercado, vai, antes, ser pasteurizado. E do leite, um dos mais ricos alimentos, criança pobre não sabe nem a cor...

Um outro jogo tríplice: o emprego, a produção e a remuneração. O primeiro, quem tem tá com tudo e não tá prosa... Já o segundo, empaca no empacado... O terceiro item nunca é correspondente à realidade...

Um fato que vai começar a pegar fogo: o candidato, o voto e o eleito. Candidato, a gente sabe, empata com número de eleitores... O voto é único e secreto. Logo, o eleito, pela incerteza em saber quem o sufragou, sente a desobrigatoriedade de cumprir a promessa feita.

Uma página... Um espaço... Uma asneira...

Azar seu pelo tempo perdido!

Cavalo mecânico

Edival da Silva Castro

Um homem guiava seu carro por uma estrada rural quando, de repente, o veículo começou a engasgar. Parou para ver o que estava acontecendo. Puxou a alavanca, sob o painel, para soltar o capô do motor. Ao colocar os pés no chão, ouviu uma voz:

– É o cabo da vela.

O homem olhou ao seu redor e não viu ninguém. No pasto, do outro lado da estrada, atrás duma cerca de arame farpado, um cavalo pastava sossegadamente. Aí o homem pensou: “Não é possível! Ouvi com nitidez uma voz me dizendo que era o cabo da vela... Ah! É bobagem minha; devo estar birutando... Deixa pra lá!”.

Quando abriu o capô, enquanto olhava atento para o motor, outra vez ouviu a voz:

– É o cabo da vela.

Novamente olhou ao seu redor e não havia uma única alma viva a não ser o cavalo do outro lado da cerca, que, agora, coçava o pescoço no mourão.

Já que o problema do carro supostamente estava no cabo da vela, procurou averiguar. Foi feliz. Havia, de fato, um cabo solto e um se soltando. Ficou mais apreensivo ainda, ajustou os cabos, subiu no carro, deu partida e se mandou. Mais à frente, adentrou um vilarejo e parou numa vendinha, onde muitos jovens bebericavam e jogavam conversa fora. Foi direto ao balcão e pediu água.

Um dos jovens notou que o homem estava nervoso e pálido... Perguntou:

– Moço, tá tudo bem?

– Está sim. Mas vou lhe contar uma coisa... Estava vindo por essa estrada de chão batido e cheia de costelas de vaca... Talvez por isso os cabos das velas do motor começaram a se soltar, o carro começou a engasgar, parecia que estava faltando combustível. Aí parei e ouvi, por duas vezes, uma voz dizendo que era o cabo da vela... Não havia ninguém por perto, a não ser um cavalo pastando do outro lado da cerca. Pior, meu amigo, que a voz acertou em cheio o defeito...

– Moço, você sabe de que cor era aquele cavalo?

– Sei, sim. Era um cavalo branco... por sinal muito bonito.

– É! Deu muita sorte... Porque, se fosse o cavalo pampa, você estava quebrado por lá ainda; ele não é bom mecânico.

Aí que o homem empalideceu de vez...

O Professor

O professor,
côm sua lente de
aumento
está sempre buscando
encontrar a verdade.

É como o sol,
diariamente pontual,
a espalhar seu
esplendor,
sua claridade.

Que importa
lhe fechem do dia todas
as portas
para a manhã não
entrar.

Ele sempre construirá o
amanhã
côm as próprias mãos,
até sangrar.

Que importa
lhe ponham no sorriso
a mordada do desalento.
Ele sempre trará um
rouxinol
na garganta
e asas no pensamento.

Que importa
lhe amarrem o olhar
côm a venda da
desesperança
e lhe roubem a estrela da
ilusão.
Ele trará sempre acesa
a tocha azul do porvir
na alma e no coração.
Além de tudo,
o porvir jamais deixará
de ter sol
e um rouxinol
a cantar.

Myrthes Mazza Masiero

O Estatuto do Idoso

Criado com o objetivo de garantir a dignidade ao idoso, o Estatuto do Idoso foi aprovado em setembro de 2003, após sete anos tramitando no Congresso Nacional, e sancionado pelo Presidente da República em 1º de outubro, data em que se comemora o Dia Internacional do Idoso. Foi recebido com festas, mas também com “os pés no chão” pela entidades de classe dos idosos, que esperam a aplicabilidade da lei.

Vivemos num país onde o idoso não é respeitado, é tratado como cidadão de segunda classe, marginalizado e fragrantemente desrespeitado em razão do declínio de seu vigor físico, próprio da idade. O tratamento degradante não parte apenas da sociedade, mas do próprio Estado, que discute formas de fazê-lo contribuir, mesmo aposentado, para a Previdência Social, impõe aposentadoria ínfima, presta um precário serviço de saúde e não se preocupa com a adoção de políticas públicas que os beneficiem. Diante de todos esses maus-tratos, surgiu o paliativo, o Estatuto do Idoso, justamente quando a urgência em



Reprodução

reduzir o déficit da previdência força a proposta de redução nos benefícios, já minúsculos para a maioria da população.

A Constituição Federal, em seu Artigo 230, já era o suficiente para garantir a proteção ao idoso porque assegura “a sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. O dever de assegurar a participação comunitária, a defesa da dignidade, o bem-estar e o direito à vida pertence à família, à sociedade e ao

Estado; é, portanto, dever de todos. Sempre que precisamos de leis para efetivar direitos constitucionais é sinal que não os respeitamos e, por conseguinte, estamos um passo atrás do espírito constitucional.

Nossa sociedade ainda não evoluiu o suficiente no sentido de valorizar os idosos e cumprir o compromisso social de lhes propiciar digno envelhecimento. Esse compromisso lhes é devido porque eles formaram a sociedade em que vivemos, estabeleceram os atuais padrões sociais, construíram o conhecimento que hoje ampliamos e, especialmente, porque, sendo sua extensão genética, somos parte deles.

Dignidade é o grau de respeitabilidade que um ser humano merece. É diferente de caridade, solidariedade e assistência, que trazem um conteúdo pejorativo de hipossuficiência, impossibilidade de sobrevivência independente. Precisamos lutar para que os idosos sejam tratados dignamente por todos; afinal, também chegaremos lá.

Aos professores de Piquete...

No mês em que comemoramos o Dia do Professor, não podemos deixar de homenagear todos os que se dedicaram à formação de gerações de piquetenses, dedicando grande parte de suas vidas à educação. Foram muitos os que se voltaram com carinho ao mister de ensinar crianças nas escolas de Piquete, fazendo dessa missão um verdadeiro apostolado.

Tivemos em nossa cidade um exemplo de cidadã que, se estivesse viva, teria completado, no último 14 de julho, cem anos de idade. Mesmo idosa, essa professora, continuou labutando no magistério primário, com as crianças do Jardim da Infância do Grupo Escolar Antônio João. Amada e

respeitada por todos seus colegas, a maioria professores desse mesmo estabelecimento, que haviam sido seus discípulos, com sua meiguice e bondade, para todos tinha uma palavra amiga, um gesto de ternura e de incentivo. Foi referência na formação de muitas gerações.

Filha do capitão José Monteiro de Brito e de dona Honorina Brito, desde menina Maria de Lourdes Brito Vilar – Milita – demonstrava pendores para a educação e as artes. Os pais incentivavam os filhos para o magistério. Seus irmãos, Durvalina, Dario, Conceição, Elza, além do cunhado, João Cardoso do Nascimento, casado com sua irmã Tita, também foram professores. Todos

lecionaram no Grupo de Piquete.

Formada Normalista na Escola Normal de Guaratinguetá, D. Milita retornou para o antigo Grupo em que estudara, como professora. A partir de 1940, com a desativação dessa escola e a inauguração do Grupo Escolar Antônio João, passou a lecionar na então nova unidade de ensino. Musicista, tocava piano, acordeão e violão. Usava esse dom na educação, sensibilizando as crianças para as artes. Seus ex-alunos ainda se recordam de seus dedos percorrendo as teclas do piano na sala de música do Antônio João. Todos admiravam a delicadeza com que dedilhava o instrumento. Sua fisionomia compenetrada a fazia respeitada. Os alunos silenciavam para ouvi-la.

Casada com Alcides Vilar, foi mãe de numerosa prole. Foi infatigável semeadora de conhecimento. Sua vida foi um apostolado de honradez. Sua personalidade marcante, inconfundível, e seus ensinamentos edificantes, fecundos e vivificadores puderam ser testemunhados com os professores que, com ela, trabalharam em prol da Educação no Grupo Antônio João como Leonor Guimarães, Conceição Godoy, Maria do Carmo Pascoal, Maria Vicentina Cipoli, Maria Aparecida Dalécio, Marizinha Peixoto, Mariinha Mota, Ruth Brasil, Yolanda Luz, Eneida Dionísio Ferreira, Olga Eklund, Dorothea, Mirthes Chaves, Eunice Fernandes, Vanda Mota e tantas outras...



Um chileno em Piquete

Tenho fixação por roda-d'água. O meu cérebro concluiu que, no momento em que o homem pôs a primeira roda-d'água em funcionamento, virou o ponteiro da história – o homem manda, a máquina obedece.

Com o episódio dos mineiros chilenos, parece que a roldana que movimentava a cápsula que resgatou os trinta e três (33) homens vai sobrepor-se à roda-d'água. Pode ser um processo hipnótico: fiquei horas olhando a roldana movimentar-se. A verdade é que a bendita roldaninha continua rodando na minha cabeça.

Roldana vai, roldana vem, o meu cérebro foi bater em um grande mestre do Grupo Escolar de Piquete: o professor João Cardoso.

Poliglota, ensinou francês aos seus alunos. Costumava levar estrangeiros à sala de aula e os entrevistava diante da classe.

Os alunos retiveram na memória uma senhora francesa muito agitada e um agricultor chileno, dono da fazenda Bela Vista.

O chileno tornou-se amigo dos alunos e ia frequentemente à escola para estimular os estudos.

No ano de 1925, cursavam o quarto (4º) ano do Grupo Escolar de Piquete minha mãe, Emília Marques de Almeida (onze (11) anos); meu pai, José Marques da Silva (doze (12) anos) e meu tio Ismael Marques de Almeida (treze (13) anos).

Meu tio Ismael trabalhava no armazém de seu padrinho, o português Manuel Ribeiro. O armazém ficava na rua Cel. Luiz



Relvas, bem perto da escola.

Por esta época, minha família já residia aqui – Major Pedro, 176.

Minha mãe, quando se dirigia à escola, levava uma camisa limpa e a merenda do meu tio Ismael. Do armazém, os dois irmãos seguiam juntos para o Grupo Escolar de Piquete.

Meu tio Ismael era excelente aluno. No final do ano de 1925, classificou-se em primeiro (1º) lugar.

Como prêmio, recebeu do fazendeiro chileno uma Caderneta da Caixa Econômica.

Todos os meses, minha avó Adelaide ia no trenzinho piqueteiro, em companhia de minha mãe, até a agência em Lorena, depositar as economias do adolescente Ismael.

Isto durou até o meu tio chegar à maioridade.

Depois, o português Manuel Ribeiro voltou para Portugal e o fazendeiro chileno despediu-se de Piquete.

O professor João Cardoso permaneceu muito nítido na memória de todos os alunos. Primeiro, pela sua vocação indiscutível para o magistério, o que reverteu em lucro intelectual para os discípulos, que lhe foram gratos durante toda a vida.

Em segundo lugar, por uma doação que fez à antiga Matriz de São Miguel. O professor João Cardoso era casado com D. Tita Cardoso, filha do Capitão José de Brito. Em homenagem à esposa doou todos os bancos da igreja. Em cada um deles havia uma plaquinha oval em que se lia: Lem-

brança de Tita Cardoso.

Quando alguém se sentava no banco pela primeira vez, logo perguntava: “Quem é Tita Cardoso?”. E a resposta vinha rápida: foi a esposa do professor João Cardoso.

A roldana dos mineiros chilenos me transportou à infância dos meus pais e tio.

Que os filhos e netos dos chilenos resgatados tenham bons mestres como o professor João Cardoso e bons amigos como o patrício da fazenda Bela Vista.

Agora, é esperar que o meu cérebro realize a opção – a permanência da roda-d'água ou a substituição pela roldana chilena.

Abigayl Lea da Silva

Foto da formatura da turma, em 1925. Em pé (E/D): prof. João Cardoso, José R. Fernandes, Braz P. de Olivas, João Marques da Silva, Ismael Marques de Almeida, Oton Simas, José N. de Macedo, João V. Soares, João V. Leal; Sentados: da E/D, Emília Marques de Almeida, Maria A. de Andrade, prof. Silveirinha, Nair Galvão, Gene Ecklund, diretor Luiz de Castro Pinto.

A missão da Igreja

No mês de outubro a Igreja Católica celebra o Mês Missionário. O anúncio do evangelho de Jesus Cristo é um dos mais importantes compromissos da Igreja. O evangelho não é uma mera doutrina transmitida como conceitos intelectuais, antes de tudo é um jeito de viver, de se relacionar com o mundo e com as pessoas. O amor, a benevolência e a justiça são marcas fundamentais desta maneira de existir.

Confesso que não gosto muito do conceito da palavra missão, embora seja um termo que tenha fincado raízes na história do cristianismo, talvez não seja o mais adequado para traduzir o desejo cristão de anunciar à humanidade o caminho indicado por Jesus aos seus discípulos. Missão vem do verbo grego *missos*, que significa ódio, aversão. É um termo ligado às campanhas militares e, provavelmente, tenha se tornado tão usual no cristianismo devido ao fato de que

a partir da “conversão” do Império Romano, no século IV, não tenham faltado ocasiões em que a religião cristã se expandiu militarmente, muitas vezes a Cruz que salva foi levada junto com a espada que mata.

O anúncio da Palavra de Deus e seus valores não pode ser motivado pelo desejo de expandir combativamente a fé, aos moldes das antigas cruzadas, como se o objetivo de tal empreitada fosse alargar as fronteiras da influência da fé católica. Certa vez, em um congresso de teologia, Walter Altmann, pastor e presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, disse que sua Igreja não faz missão, atrai pelo testemunho da comunidade. Achei fantástica esta postura, num mundo de tanta disputa por fiéis. O Papa Bento XVI, na missa de abertura da V CELAM em Aparecida disse em sua homilia algo parecido: “A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por atração, como Cristo atrai todos a si com a força do seu amor.”

A Igreja tem organizado visitas missionárias, levadas adiante principalmente por leigos. Essas visitas de casa em casa são importantes, porém o testemunho concreto do evangelho vivido pelas comunidades que perseveraram no projeto de Jesus, sobretudo através do serviço amoroso às pessoas, de maneira especial aos excluídos, aflitos, sedentos de justiça e misericórdia, é que realiza o verdadeiro e mais eficaz anúncio do evangelho.

Em João 10,10 Jesus disse a que veio: “Eu vim trazer vida e vida em abundância.” Eis a missão de Jesus, eis a missão de todo cristão. Isto não se faz apenas com visitas missionárias e pregações, mas principalmente com atitudes concretas de serviço às pessoas, à sociedade, à manutenção da terra e da vida.

Pe. Fabrício Beckmann